

Varia



**A primeira viagem de Colombo rumo ao Poente:
os medos e a ideia de homem no começo da Época Moderna¹**

***Colombus' First Westbound voyage: fears and the concept
of man at start of the Early Modern Period***

Daniel Wanderson Ferreira

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

daniel_ferreira_bh@hotmai.com

Resumo: Este artigo propõe uma leitura do diário de bordo de Cristóvão Colombo, escrito durante sua primeira viagem pelo Ocidente, em 1492, saindo da Espanha em direção às Índias. Apresentam-se primeiramente as ideias de mundo e mar existentes naquele momento. Depois, analisa-se o diário de Colombo e identificam-se suas impressões sobre a travessia, sobre a tripulação e os medos dos viajantes. O objetivo é compreender e explicar o conceito renascentista de homem, a partir da forma como Colombo pensava sobre si mesmo nessa viagem.

Palavras-chaves: descoberta da América; Cristóvão Colombo; conceito renascentista de homem.

Abstract: This article suggests a reading to Columbus' log of the first voyage from Spain to the Indies, sailing westward, in 1492. Firstly, there is an attempt to present the concepts about the world and the Ocean current at that time in history. After that, analyzing Columbus' log,

¹ O argumento deste texto deve-se, em parte, às discussões que iniciei ainda como graduando em História na UFMG, bem como aos meus alunos, com quem venho discutindo os temas de História Moderna há alguns anos. Agradeço, assim, aos meus professores e aos meus alunos pela interlocução. Também agradeço ao meu orientando Daniel Mota Polatto pelo auxílio na verificação das citações de Colombo.

we identify his impressions about sea crossing and about sailors and their fears. This article aims to understand and explain the Renaissance concept of man, using the way Columbus thought about himself during that journey as a starting point.

Keywords: discovery of America; Christopher Columbus; Renaissance concept of man.

Recebido em 29 de julho de 2015

Aprovado em 15 de abril de 2016

A viagem de Colombo lançou o Ocidente em uma nova experiência sociocultural. Seu sentido, segundo Gerd Bornheim, ganha atualidade justamente porque do contato com o Novo Mundo foi produzida a ideia de descoberta. É como algo inédito e imprevisível que o conceito de descobrimento chega até nosso tempo e nos coloca diante da ideia da impossibilidade de qualquer tipo de completude.²

Essa viagem nos encanta, e certo mistério que parece nela residir poderia, por si só, justificar novas tentativas de refletir sobre a epopeia de Colombo. Nossa questão, em especial, volta-se para as relações dos homens com os seus medos durante esse trajeto marcado pelo desconhecido, e nesse sentido propomos a releitura do diário de viagem do Almirante, mesmo sabendo que se trata de um texto lido exaustivamente. A diferença é que, por meio da análise das estratégias retóricas da escrita desse diário, buscamos considerar os sentimentos e as sensações de Colombo e de sua tripulação na viagem rumo às Índias pelo Poente.

Iniciamos a investigação pelo esforço de compreender a imagem que se tinha do mundo e do mar em fins do século XV. Em seguida, procuramos analisar, no diário de bordo de Colombo, as impressões dessa viagem, a fim de, lidando com os medos de Colombo e de seus marinheiros, compreender um pouco melhor a dimensão de humanidade, segundo ela se apresenta no documento. Esta investigação coloca-se, assim, na interseção da história cultural e da pesquisa dos sentimentos, tecendo reflexões gerais que, próprias ao debate historiográfico, repensam a emergência da Época Moderna e, em especial, do Renascimento.

² Cf. BORNHEIM. A descoberta do homem e do mundo, p. 17-53.

O mundo e o mar como realidade e representação

Abismo, trevas, animais gigantes, terror, ausência de ventos – todos esses elementos podem ser lidos na descrição que o explorador cartaginês Himilcon fez, no século V a.C., do Mar Oceano, atual Atlântico. Como uma das referências do pensamento antigo na tradição cultural ibérica e mediterrânica, seu olhar sobre essa região tendeu a se constituir fala de autoridade que, junto a outras relacionadas ao Mar Oceano, fizeram do Atlântico um limite do mundo. Segundo Guillermo Céspedes del Castillo, essa noção de oceano-obstáculo constitui apenas uma das primeiras possibilidades para tomar esse espaço como objeto e tema de compreensão histórica. Além dela, podem-se identificar ainda a imagem de um oceano-fronteira e, com a expansão das navegações no Atlântico, a composição de um oceano-caminho. Contudo, Céspedes del Castillo explica que o Mar Tenebroso, entendido como-barreira, era uma espécie de junção das duas primeiras leituras, sendo difícil delimitar um recorte histórico linear entre elas. Os perigos e o consequente medo a ele associado fizeram do oceano um limite para os povos do Mundo Antigo e do Medievo, referência do lugar do desconhecido ou do poente, pensado como trevas e relacionado a Hades e às regiões infernais.³

Uma análise da cartografia medieval permite identificar componentes imaginários que participavam da simbologia desse grande mar, já que estavam presentes monstros da mitologia greco-romana, e a influência dessas imagens manteve-se ativa no pensamento e na vida social.⁴ Para Belén Rivera Novo e Luisa Martín-Merás, esses elementos apareciam, ainda, em paralelo com a terra representada como um disco, circundada pelo rio-oceano e dividida em duas zonas climáticas, uma tórrida e outra temperada. O que se destaca é a vivacidade dos parâmetros antigos para a compreensão do mundo, que permitia a leitura e a reelaboração dessas imagens por pensadores medievais em seus mapas-múndi.⁵

A atualização dessa relação com os antigos, para François Hartog, dá origem a um conjunto de tópicos conflitantes cuja importância é fundamental para a compreensão da identidade ocidental. Desse movimento de ideias, advêm também as querelas para se decidir o valor e a

³ CÉSPEDES DEL CASTILLO. *La exploración del Atlántico*, p. 55.

⁴ Sobre as imagens relacionadas ao mar, cf. BRESCH. *Mar*, p. 102-103.

⁵ RIVERA NOVO; MARTÍN-MERÁS. *Cuatro siglos de cartografía en América*, p. 20-21.

autoridade dos antigos e dos modernos, o que se inseriu progressivamente como uma das molduras para se discutir os pensadores de autoridade no Ocidente.⁶ Na virada do século XV para o século XVI, essa relação ganhou novos contornos que atravessavam, contraditoriamente, o pensamento filosófico. Trata-se, para Lucien Febvre, de perceber um mundo em que inexistiam vocábulos como *absoluto* e *relativo*, *abstrato* e *concreto*, *confuso* e *complexo*. Esses poucos exemplos apontam para alguns dos limites de uma linguagem e de um conhecimento de mundo que se produziam basicamente atrelados, de um lado, ao saber dos antigos e, de outro, ao cotidiano da vida tradicional, e que seriam então mobilizados para a construção de outros sistemas de pensamento e de um novo modo de ver o mundo.⁷

Assim, devemos estar atentos à articulação entre essa representação cosmográfica e um entendimento do mundo em um processo cultural longo e que ultrapassa as delimitações do saber vigente no século XV para pensar as navegações oceânicas. Os mapas são figuras compósitas que associam as formas de compreensão do espaço ao modo como as sociedades se viam, segundo uma lógica sociopolítica. Traduzem também uma imagem da vida, da realidade e do além. É nesse sentido que devem ser vistos em múltiplas formas de uso, seja como representação de uma presença real do que mostram, seja como escrita administrativa, seja ainda como forma de expressão para a resolução de litígios entre Estados. Além disso, mostram a presença do imaginário e também certa eficácia para representar o mundo, já que os homens que utilizavam esses mapas sabiam como se guiar a partir deles.⁸

É com essa compreensão da cartografia medieval como representação concreta do mundo que se pode superar uma leitura que a prenda apenas ao sentido alegórico, o qual remete às proposições da ética cristã e da dinâmica entre as realezas. A noção de eficácia refaz nossa leitura desses mapas, indicando que eles portam duas camadas de significado, sendo a primeira aquela que os constituía como mapas, formas de leitura geográfica do espaço, e a segunda, a que os remetia a

⁶ HARTOG. *Os antigos, o passado e o presente*, p. 122 et seq. Para saber mais sobre a tópica antigo/moderno, cf. LE GOFF. *Antigo/Moderno*, p. 173-206.

⁷ FEBVRE. *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle*, p. 327 et seq.

⁸ GAUTIER-DALCHÉ, *Les représentations de l'espace en Occident de l'Antiquité tardive au XVI^e siècle*, p. 103-115.

uma outra dinâmica, presa às tramas da crença, do debate político e até mesmo da identidade ocidental.⁹

Desse modo, imagens recorrentes nesses mapas-múndi podem ser vistas como se apresentavam no seu momento de emergência, não apenas segundo um sentido estético, mas sobretudo com valor comunicativo imediato. As figuras do Paraíso, os quatro cantos do mundo e a ideia das Antípodas e da zona tórrida são exemplos de referências simbólicas que organizavam a estrutura da cartografia e não podem ser entendidas apenas como uma alegoria. É em virtude da materialidade da ideia de Paraíso e da forma como se especulava sua presença efetiva nas Índias que Colombo e, pouco tempo depois, outros lidaram com o Novo Mundo em sintonia com o universo iconográfico de mapas e também de parte das iluminuras de determinados textos medievais.¹⁰ Se Tzvetan Todorov chama a atenção para a capacidade de Colombo ver o que esperava ver, entendemos que isso não era decorrência apenas de uma leitura de textos como Plínio ou Mandeville, mas associava uma multiplicidade de referências que lhes eram imediatas.¹¹ Com isso, a cartografia medieval, ricamente ilustrada, parece-nos ser uma das chaves para a leitura desse Mar Oceano como o lugar do desconhecido e do maravilhoso.

Esses elementos são fundamentais para que recuperemos o debate sobre a forma de pensamento desse momento histórico, ancorada, de forma geral, na concretude do cotidiano e na analogia.¹² Diante de marinheiros experientes, homens de profissão, as monstruosidades da iconografia cartográfica apresentavam-se como referências. Questões sobre o Mar Tenebroso e seus viajantes não podem, assim, ser postas segundo a lógica historiográfica tradicional, que desqualifica a concretude dessa forma de representação do mundo. A tendência a desmerecê-la relaciona-se, primeiramente, com o entendimento do postulado como forma substituta à cartografia mais alegórica, a qual seria encarada apenas em um sentido moral, ilustrativo e didático. De igual maneira, a

⁹ Cf. GAUTIER-DALCHÉ. Représentations géographiques savantes, constructions et pratiques de l'espace, p. 14-38.

¹⁰ Sobre essa questão em Colombo, cf. HOLANDA. *Visão do paraíso*, capítulos primeiro e segundo.

¹¹ Cf. TODOROV. *A conquista da América*, 1999.

¹² Sobre a complexidade do pensamento medieval e seu caráter analógico, cf. FRANCO JÚNIOR. Modelo e imagem. O pensamento analógico medieval.

chamada revolução ptolomaica se colocaria como outro elemento capaz de alavancar o pensamento e a forma cultural das sociedades ibéricas, senão europeias, permitindo as navegações e também os avanços da ciência renascentista.¹³

Frente a essa perspectiva, Patrick Gautier-Dalché vem construindo uma análise alternativa que tanto valoriza a natureza prática dessa cartografia alegórica medieval quanto identifica os mecanismos pelos quais a tradução e a recepção de Ptolomeu se deram. O resultado é o entendimento de que os saberes científicos medievais e modernos não foram, de forma alguma, baseados simples e rapidamente numa opção pela lógica geométrica e matemática, como se ela propiciasse um meio mais eficiente de representação.¹⁴ Daí termos como lidar com as contradições do Mar Tenebroso como um dos lugares do proibido e do inacessível, mas que permitia, pelas próprias tramas do maravilhoso e do auxílio divino, ser ultrapassado. Isso nos permite pensar ainda a manutenção de uma ordem mística de mundo, mesmo que ela deva ser vista, simbiótica e contraditoriamente, face à ideia de justiça e de juízos divinos, como espaços do mistério, sem os quais a presença real desse Mar Tenebroso englobando o mundo e se apresentando como um limite dificilmente poderia ser vista em suas nuances.

Colombo rumo ao Poente

O mundo após as Colunas de Hércules delineava-se pelo maravilhoso. Esse era o limite que o Ulisses de Dante buscava atravessar, em seu desejo de navegar em mares inéditos e ultrapassar o desconhecido para tudo saber.¹⁵ Para além do Mediterrâneo, no fim do século XV, o périplo da África era um empreendimento complexo, porém construído como uma prática progressiva que fazia do continente terras cognoscíveis. A viagem de Colombo, no entanto, lançava-se a regiões incógnitas. Assim, se o desejo de conhecimento pode ainda ser visto como um dos

¹³ Trata-se de uma tópica bastante recorrente. Para aprofundamento na temática, cf. BROU. *La géographie de la Renaissance*, p. 9-36; LOIS. *Cartografias de un Mundo Nuevo*.

¹⁴ GAUTIER-DALCHÉ. *The reception of Ptolemy's Geography (end of the fourteenth to beginning of the sixteenth century)*, p. 285-364.

¹⁵ GIUCCI. *Viajantes do maravilhoso*, p. 41 *et seq.*

elementos de nossa cultura, uma vez que o pecado introduziu-se desse modo no mundo, é também pelo imaginário do tenebroso e da obscuridade que esse empreendimento deve ser compreendido.

Segundo o diário de bordo de Colombo, a viagem iniciou-se na quinta-feira, dia 3 de agosto de 1492, quando ele saiu da Barra de Santes, às oito horas, e teve fim com a chegada a essas ditas Índias, no dia 12 de outubro, quando definitivamente desembarcou nas terras avistadas na véspera. Esse período foi marcado pela navegação em mares conhecidos e desconhecidos, rumando primeiro até as Canárias, e daí adiante até o contato com as novas terras insulares.

A primeira etapa dessa viagem estendeu-se até o dia 9 de setembro. Nesse período observamos uma transparência de Colombo em relação a suas notas, dividindo os dados e observações com a tripulação. Uma vez que a viagem até as Canárias era um percurso já conhecido, nesse breve trecho não houve nenhum episódio inesperado. Entretanto, observamos no diário de bordo, em nota do dia 9 de setembro, o que pode ser visto como uma mudança do comportamento do Almirante. Nesse dia, ele “decidiu contar menos [léguas do] que percorria para não espantar ou desestimular a tripulação caso a viagem fosse longa”,¹⁶ enunciando uma primeira preocupação com o impacto dessa viagem sobre o moral e o humor da tripulação. Por cuidado, a decisão foi a de produzir um duplo registro e informar a menor distância percorrida para seus marinheiros. Também podemos subtender daí o ar de suspense diante do desconhecimento e os possíveis medos que a ele pudessem estar associados, em virtude da indeterminação precisa da circunferência do mundo e do caminho marítimo entre as Colunas de Hércules e as Índias.

Constatamos, nesse mesmo dia, uma possível alteração do comportamento dos marinheiros em decorrência da navegação em águas desconhecidas. Pela primeira vez há um comentário afirmando que “os marinheiros conduziam mal [os navios], dirigindo-se para a quarta

¹⁶ “acordó contar menos de las [leguas] que andaba, porque si el viaje fuese luengo no se espantase y desmayase la gente” (COLÓN. *Diario de a bordo*, domingo, 9 de septiembre, p. 73). Utilizamos a edição espanhola organizada por Luis Arranz. Indicamos ainda os dias da anotação, o que permite ao leitor verificar as citações em outra edição. Embora haja tradução do diário para a língua portuguesa do Brasil, optamos por fazer pessoalmente as traduções.

noroeste e também em velocidade comedida”.¹⁷ Como o Almirante havia iniciado o diário de bordo dizendo estar acompanhado de “*mucha gente de la mar*”, de boa tripulação, e tendo em vista a anotação do dia 25 de setembro, quando ele teria examinado conjuntamente um mapa com os marinheiros, supomos que ele os considerava aptos ao exercício da navegação, além de tratá-los como iguais a si em conhecimento.¹⁸ Ao supormos que Colombo havia se assegurado de que seus acompanhantes e subordinados de viagem fossem profissionais qualificados, a observação apresentada no dia 9 de setembro deve ser lida com atenção. Seria essa má condução um ato de imperícia ou estaria relacionada ao contato inicial com essa área não mapeada do Mar Tenebroso? Embora seja complicado buscar as intencionalidades dos marinheiros, ou mesmo as de Colombo, é interessante notar que, mesmo havendo nota no diário sobre a dupla contabilidade, inexistente uma referência ao comunicado da distância percorrida à tripulação, o que parece reafirmar nosso ponto de vista de que esse primeiro contato com o desconhecido estava permeado de imprecisões e ressalvas.

Nos cinco dias seguintes, a viagem prosseguiu em ritmo moderado, e houve variações significativas entre os valores anunciados à tripulação e a distância de fato navegada, segundo os dados apresentados por Colombo. Em 12 de setembro, ele informou laconicamente que “aquele dia, seguiram caminho e percorreram durante a noite e dia 33 léguas, contando menos pela causa já dita”.¹⁹ Diferentemente do que fizera nos dias anteriores ou do que recomençaria a fazer no dia 13, não constou nessa

¹⁷ “los marineros gobernaban mal, decayendo sobre la cuarta del Norueste y aún a la media partida” (COLÓN. *Diario de a bordo*, domingo, 9 de septiembre, p. 73).

¹⁸ “y partí de dicho puerto muy abastecido de muy mantenimientos y de mucha gente de la mar” (COLÓN. *Diario de a bordo*, p. 67 – texto introdutório no qual Colombo invoca a proteção divina, explica a importância dos reis de Espanha para a jornada e para a cristandade, além de prestar esclarecimentos iniciais sobre a viagem); “Iba hablando el Almirante con Martín Alonso Pinzón, capitán de la otra carabela *Pinta*, sobre una carta que le había enviado tres días había a la carabela, donde según parece tenía pintadas el Almirante ciertas Islas por aquella mar; y decía el Martín Alonso que estaban em aquella comarca, y respondia el Almirante que así le parecia a él; pero, puesto que no hobiesen dado con ellas [...] comenzó el Almirante a cartear com ella com su piloto y marineros” (COLÓN. *Diario de a bordo*, martes, 25 de septiembre, p. 81).

¹⁹ “aquel día, yendo su vía, anduvieron en noche y día 33 leguas, contando menos por la dicha causa” (COLÓN. *Diario de a bordo*, miércoles, 12 de septiembre, p. 74).

quarta-feira, dia 12 de setembro, nenhuma informação mais precisa da distância percorrida; apenas houve uma notação sobre a manutenção da dupla contabilidade da distância.

Na véspera, entretanto, conforme anotação feita por Colombo, “um grande mastro de navio” havia sido avistado e, em virtude do grande peso, os marinheiros “não o puderam pegar”.²⁰ Considerando que a identificação de um mastro de navio não fosse tarefa tão estranha a marinheiros, cabe-nos perguntar sobre esse empreendimento de recolhê-lo e a precisão com que buscam medi-lo: 120 toneladas, conforme anotação feita. Provavelmente, estariam preocupados com a ideia de um naufrágio e tentavam averiguar se essa hipótese se confirmava, inclusive com uma possível operação de avaliar a situação da peça encontrada. Sem termos pistas sobre a natureza real desse objeto encontrado, apenas apontamos a possibilidade de ver esse episódio por seus impactos na tripulação, e a única forma de fazê-lo é relacioná-lo com essa ausência de registro numérico no dia posterior ao evento. Se mantivermos as médias de variação entre as distâncias percorridas e as anunciadas aos marinheiros, podemos estimar que Colombo subtraiu um valor de três ou quatro léguas do total percorrido no dia, caso tenha comunicado oficialmente a distância. Entretanto, para um diário tão criterioso e detalhado, importa menos perceber o avanço da viagem, e mais o silêncio da anotação do dia 12, frente ao desejo de conhecimento manifestado no dia 11. Dito de outra forma, se eram capazes de observar o objeto e identificá-lo, inclusive estimando seu peso, por que precisavam recolhê-lo? Se não o puderam fazer, que sensações essa incapacidade trouxe à tripulação? Um mal-estar que se estendeu até o dia 12, no mínimo, explicaria a pequenez e generalidade da informação no dia seguinte ao evento.

No dia 15 de setembro, novamente Colombo não fez menção a anúncio de nenhuma distância à tripulação, tendo apenas contado o percurso feito. “Navegou naquele dia e noite 27 léguas e pouco em direção a Oeste”. A diferença, contudo, foi que outro acontecimento rompeu a normalidade da viagem: “no começo desta noite viram cair

²⁰ “y vieron un gran trozo de mástil de não de ciento y veinte toneles, y no pudieron tomar” (COLÓN. *Diario de a bordo*, martes, 11 de septiembre, p. 74).

do céu um maravilhoso ramo de fogo no mar, distante deles quatro ou cinco léguas”.²¹

Lembrando que o fogo, na tradição cristã, está associado aos juízos divinos, esses homens poderiam ter visto nesse episódio maravilhoso o abalo dos poderes do céu, como uma manifestação de desagrado ou, ao menos, alguma forma de anúncio. Seria inútil tentar construir uma afirmação precisa sobre o sentido da nota. Mas, dado que nela Colombo apresenta primeiramente a distância navegada e, em seguida, o evento maravilhoso, nossa hipótese reafirma-se pela defesa de que há uma articulação entre o medo e a viagem. Supomos que a tripulação, em sua rotina no mar, não estaria desembaraçada do temor do desconhecido, nem da preocupação espiritual resultante dessa travessia que parecia adentrar em espaços pertencentes somente a Deus ou, ao menos, em locais onde, segundo viam, os juízos divinos evidenciavam-se.

O diário deixa entrever uma estabilização da situação e dos humores, o que nos traz a dificuldade em entender a extinção plena do clima de suspense, e também os impasses dessa escritura repetitiva de Colombo. Dizendo de outro modo, torna-se problemática a identificação de quais silêncios apontavam para a tensão e de quais se relacionavam à vida em estado de normalidade. A primeira referência explícita ao medo da viagem se dá em meio a um desses trechos de poucas variações nas anotações, entre os dias 16 e 19 de setembro. Na segunda-feira, dia 17, observamos: “temiam os marinheiros e estavam sofrendo e não diziam por quê”. Nesse dia, os marinheiros perceberam haver muitas algas, uma possível proximidade a terras. Perceberam também um problema relacionado à leitura da bússola: “os marinheiros se dirigiam ao Norte, percebendo-se disso, e falaram que a bússola estava dirigida ao noroeste em uma quarta”.²² A ambivalência da nota que apontava para as terras próximas, mas também indicava o problema técnico e, por fim, dizia sobre o medo da tripulação, parece-nos justificar a grande diferença

²¹ “Navegó aquel día com su noche 27 leguas su camino al Oueste y algunas más. Y en esta noche al principio de ella vieron caer del cielo un maravilloso ramo de fuego en el mar, lejos de ellos cuatro o cinco leguas” (COLÓN. *Diario de a bordo*, sábado, 15 de septiembre, p. 75).

²² “Tomaran los pilotos el Norte, marcándolo, y hallaron que las agujas nouesteaban una gran cuarta, y temían los marineros y estaban penados y no decían de qué” (COLÓN. *Diario de a bordo*, lunes, 17 de septiembre, p. 76).

entre as contagens feitas por Colombo. Nesse dia 17, ele anunciou à tripulação um valor de sete léguas a menos que a distância real percorrida, quando a média do período estava oscilando entre três ou quatro léguas de diferença.

Se é interessante observar nas notas existentes nos dias 8 de agosto e 17 de setembro os problemas técnicos de navegação enfrentados por Colombo, isso se deve a alguns questionamentos que surgem atrelados a essas dificuldades.²³ De modo geral, os estudiosos discutem a natureza inédita do evento de travessia do Mar Oceano e as técnicas disponíveis para esse empreendimento, assim como o processo de construção de saberes e técnicas de navegação reatualizados ao longo das viagens nos séculos XV e XVI. Há também estudos importantes que destacam a forma de representação do mundo e a mudança operada pelo crescimento dessas viagens. Analisa-se ainda como as técnicas aplicadas nesta primeira viagem de Colombo haviam sido desenvolvidas para a navegação no Mediterrâneo ou estavam relacionadas aos conhecimentos do périplo africano, estando, em um caso e outro, relacionadas à navegação de cabotagem.²⁴ Esses estudos são realmente importantes para pensar os saberes disponíveis, e ajudam-nos a explicar a aparente tranquilidade e a estabilização das práticas de registro marítimo, quer nos atentemos aos dados numéricos presentes nas notas de bordo de Colombo, quer observemos as descrições das situações de preocupação que ele evidenciava ao longo da viagem. Em suma, o enfoque recai sobre as soluções encontradas na contingência da empreitada para se vencer o grande mar.

No entanto, mesmo sem desconsiderar esses aspectos, questionamos a suficiência dessas análises em sua capacidade de lidar com a dinâmica da travessia desse mar, por compreender a necessidade de perscrutar esses impasses que, certamente, podem decorrer da própria questão técnica, mas que não devem ser limitados a ela. As anotações do dia 8 de agosto, sobre a localização exata das naus, e de 13 de setembro, sobre

²³ Sobre os eventos de 8 de agosto: “Hubo entre los pilotos de las tres carabelas opiniones diversas dónde estaban, y el Almirante salió más verdadero” (COLÓN. *Diario de a bordo*, p. 70).

²⁴ Citamos, a título de exemplo, alguns textos que discutem essas questões técnicas e seu impacto na complexidade da representação do mundo e da navegação: BROU. *La géographie de la Renaissance*, p. 37-76; DOMINGUES. Arte e técnica nas navegações portuguesas: das primeiras viagens à armada de Cabral, p. 209-227; LESTRINGANT. *L’atelier du cosmographe*.

um problema na bússola, acentuam impasses decorrentes da relação com o desconhecido. Parece-nos que essa travessia mobilizava uma leitura da natureza que não se restringia às questões do ofício da navegação, mas, principalmente, relacionava-se às crenças e aos medos próprios àqueles que se punham ao mar.

No começo da Idade Moderna, o elemento líquido era tomado como sinal do desencadeamento das forças e como lugar de retorno ao caos primitivo, reino de Satã e espaço dos demônios e monstrosidades. Significava ainda a possibilidade de uma partida sem retorno, o que deixava mesmo marinheiros profissionais receosos de abandonar o porto.²⁵ Por isso, indagamos sobre as relações humanas construídas em face ao medo. Se o mar era a natureza revolta e o espaço do caos, em que medida ele não substituíria simbolicamente a floresta, em seu valor de negação da sociedade e da ordem social?²⁶ Além disso, como pensar a tensão crescente dessa viagem, marcada pela ausência de previsibilidade do futuro?

É nesse cenário que, no intervalo entre 19 e 24 de setembro, outro acontecimento ajudou a estremecer as relações entre o Almirante e a tripulação. A distância média navegada nesses dias havia caído para 22 léguas por dia, quando anteriormente esse valor estava em torno de 48 léguas por dia. A explicação se relacionava à ocorrência de calmarias, apresentadas nas notas do diário de modo bastante sintético: “havia calmaria”; “os ventos diminuíram com a calmaria que havia”; “aquele dia foi o mais calmo de todos e não havia nenhum vento”; “o mar estava manso e sem movimento”.²⁷ Essas anotações tão curtas não se deram senão acompanhadas de um silêncio: nenhum registro de distância foi dado à tripulação.

No diário de bordo, esse intervalo constitui o maior período em que houve ausência de observações sobre a distância informada aos marinheiros. Não acreditamos que o comandante tenha se esquecido de anotar esses avisos. Pelo contrário, nossa aposta é de que ele precisava

²⁵ DELUMEAU. *História do medo no Ocidente*, p. 41-64.

²⁶ Sobre o sentido da floresta, cf. LE GOFF. O deserto-floresta no Ocidente medieval, p. 35-51.

²⁷ “tuvieran calma”; “se mudaran muchos vientos con la calma que había”; “aquel día fue todo lo más calma y después algún viento”; “la mar estuviese mansa y llana” (COLÓN. *Diario de a bordo*, miércoles, 19 de septiembre, p. 77; jueves, 20 de septiembre, p. 78; viernes, 21 de septiembre, p. 79; domingo, 23 de septiembre, p. 80, respectivamente).

se alhear desses dados porque o clima de tensão aumentava, conforme pode ser visto no registro do dia 22 de setembro, quando o Almirante desabafou: “*Este vento contrário foi bastante necessário porque minha tripulação andava preocupada, pensando que nestes mares não havia ventos para voltar à Espanha*”.²⁸ No dia seguinte, apontou ainda que “murmurava a tripulação, dizendo que nunca ventaria para voltar para a Espanha, pois neste lugar não havia mar grande”,²⁹ já que a água era calma como uma lagoa. Com isso, Colombo registrava haver um murmúrio, talvez o primeiro levante registrado nesse percurso, produzido pela crença de que após certa distância no Mar Tenebroso não haveria ventos para conduzir as naus a qualquer parte. Novamente, pode-se pensar na influência dos saberes prévios sobre os navegantes. Entretanto, o fundamental é não limitar a interpretação desses humores à leitura de um progresso técnico.

No mesmo dia 23 de setembro, ao indicar uma turbulência no mar, acompanhada de grande ventania, Colombo produziu um registro segundo uma lógica profética e milenarista: “*Assim, foi-me muito necessário o mar alto, que não se via, salvo no tempo dos judeus quando saíram do Egito guiados por Moisés, que os tirava do cativoiro*”.³⁰ A matriz espiritual cristã aparece como um dos elementos organizadores de seu enunciado, produzindo uma relação imediata entre Colombo e Moisés. O vento e as águas agitadas do Mar Oceano, em semelhança também ao momento de travessia do Mar Vermelho, reapareceram como elementos simbólicos do poder divino. A travessia do Mar Oceano ganhava sentido análogo ao périplo hebraico e uma participação na aliança divina. Enfim, Colombo percebia como Deus abria o caminho para que os navegantes liderados por ele atravessassem o Mar Oceano, a partir dessa epopeia em que Deus era glorificado pela demonstração de seu império. É a partir desses eventos e dessa imagem redentora que faz sentido a curta

²⁸ “*Mucho me fue necesario este viento contrario, porque mi gente andaban muy estimulados, que pensaban que no ventaban en estos mares vientos para volver a España*” (COLÓN. *Diario de a bordo*, sábado, 22 de septiembre, p. 79, grifo do autor).

²⁹ “murmuraba la gente diciendo que, pues por allí no había mar grande, que nunca ventaría para volver a España” (COLÓN. *Diario de a bordo*, domingo, 23 de septiembre, p. 80).

³⁰ “*Así que muy necesario me fue la mar alta, que no pareció, salvo el tiempo de los judíos cuando salieron de Egipto contra Moisés, que los sacaba de cautiverio*” (COLÓN. *Diario de a bordo*, domingo, 23 de septiembre, p. 80, grifo do autor).

anotação sobre a aparente normalidade da vida no mar na segunda-feira, 24 de setembro de 1492. Ainda que a distância navegada não tenha sido grande – apenas quatorze léguas e meia, seis léguas e meia a menos do que a distância média comumente percorrida em jornadas normais –, essas poucas linhas poderiam ser lidas como partes do descanso de Colombo após um momento libertador, como um repouso de confiança mediante a promessa de bons resultados.

Do dia 25 de setembro até o dia 6 de outubro, as preocupações com a distância da viagem e a necessidade de se alcançar as terras de além-mar acentuaram-se. Já se havia passado um mês e meio no mar quando, tecendo considerações sobre a viagem, o Almirante indicou que “sempre fingia à tripulação que percorria pouca distância, para que não os parecesse longa [a viagem]”. Anotou ainda que dos caminhos, “o menor era o fingido e o maior, o verdadeiro”,³¹ gesto que repetiria em seguida, no dia primeiro de outubro, com o somatório das distâncias.³² No dia 20 de setembro, essa tendência já se verificava, porém os problemas técnicos da viagem, como a calmaria e as constantes perguntas relacionadas ao saber e arte de navegar, poderiam ser vistos por Colombo como uma justificativa para a demora em terminar a travessia rumo às Índias.

Colombo parecia ter recuperado as esperanças em sanar a ansiedade vivenciada pela tripulação, ao que podemos observar pelas anotações feitas entre 20 e 24 de setembro, quando as imagens do cuidado da Providência e do papel do Almirante como libertador apareceram e minoraram as possíveis mazelas da adversidade. Contudo, essa mudança observada no diário de bordo em 25 de setembro permite relacionar a superação dos imprevistos e dos problemas surgidos nessa travessia com essa retórica providencial. Mesmo assim, parece-nos que as incertezas mantiveram-se, o que poderia estar também associado a esse universo de crenças e expectativas em relação a um mundo povoado pelo maravilhoso. É nesse sentido que espreitamos Colombo em uma reflexão cosmográfica em que aponta as medidas relativas à sua viagem. Se ele retornava às

³¹ “siempre fingia a la gente que hacía poco camino, porque no les pareciese largo, por manera que escribió por dos caminos aquel viaje: el menor fue ele fingido y el mayor el verdadero” (COLÓN. *Diario de a bordo*, martes, 25 de septiembre, p. 81).

³² “La cuenta menor que el Almirante mostraba a la gente eran 584, pero la verdadera que el Almirante juzgaba y guardaba era 707” (COLÓN. *Diario de a bordo*, lunes, 1 de octubre, p. 83).

reflexões iniciais quanto à dupla contabilização do percurso, era para produzir um movimento de diferença em seu pensamento. Tratava de rever a soma e possivelmente repensava planos e mapas, vivenciando tanto angústia quanto o sentimento de que a Providência fazia-se presente diante da delonga da viagem.

A partir de 25 de setembro, a escritura do diário de viagem ganhou uma nova modulação retórica. Até então, as notas revelavam um conjunto de estratégias de Colombo para motivar a tripulação, demonstrando sua compostura como Almirante e condutor, elementos fundamentais à imagem de libertador apresentada no dia 23. Antes, o diário de bordo estava articulado em torno de um registro para que “não se assombrasse a tripulação se a viagem fosse longa” ou demonstrava um cuidado, porque “os marinheiros temiam e estavam sofrendo e não diziam por quê”.³³ Já no dia 25 de setembro, outra tônica emergiu, com a afirmação sobre a ausência e retorno de ventos no decorrer desse dia e, em seguida, com o registro de uma conversa com Martín Alonso Pinzón sobre “uma carta que lhe havia sido enviada há três dias e na qual o Almirante tinha assinalado certas Ilhas daquele mar”. Embora a nota apontasse para um mapa enviado no dia 22, foi somente a partir do dia 25 que Colombo passou a discutir com o comandante da *Pinta* a ausência desse encontro esperado com as regiões insulares, o que poderia ser resultado das “correntes que sempre haviam desviado os navios à Nordeste”.³⁴ Apesar dessas notas relacionadas aos problemas na navegação, a grande mudança no registro de Colombo estava relacionada aos sinais divinos, seguidos de constantes agradecimentos a Deus.³⁵

A combinação entre o fingimento anunciado no dia 25 e a sucessão de agradecimentos parece-nos um indício da ambiguidade dos sentimentos enfrentados por Colombo. No *Tesoro de la lengua*

³³ “no se asombrase la gente si el viaje fuese largo”; “temían los marineros y estaban penados y no decían de qué” (COLÓN. *Diario de a bordo*, lunes, 10 de septiembre, p. 73; lunes, 17 de septiembre, p. 76, respectivamente).

³⁴ “una carta que le había enviado tres días había la carabela, donde según parece tenía pintadas el Almirante ciertas Islas por aquella mar [...] las corrientes que siempre habían echado los navios al Nordeste” (COLÓN. *Diario de a bordo*, martes, 25 de septiembre, p. 81).

³⁵ “*Gloria in excelsis Deo*”; “A Dios muchas gracias sean dadas”; e “A Dios, dice, muchas gracias sean dadas” (COLÓN, *Diario de a bordo*, martes, 25 de septiembre, p. 81; martes, 2 de octubre, p. 84; viernes, 5 de octubre, p. 85, respectivamente).

castellana, o española, edição de 1611, a palavra *fingir* aparece definida como referindo-se ao ato de dissimular e fabricar alguma mentira, e dar a entender ser outra pessoa diferente daquela que é de fato. O sentido é o de construir uma outra ideia de si.³⁶ Assim, a afirmação de que Colombo fingia diante dos marinheiros permite-nos perguntar, diante dos dilemas apontados, se o Almirante não fingia também para si mesmo. O homem que anotava sobre o medo do piloto em relação à grande distância percorrida não estaria também preocupado com essas contas? Se os números registrados indicavam que a navegação estendera-se, não estaria Colombo impactado pelas preocupações e, com isso, ansioso por dizer a si mesmo que a cartografia antiga ainda continha verdades? Essas questões permanecem como um meio de se visualizar os processos de construção dessa retórica emergente do herói profético que ele, de certa forma, expandia nesse fingimento tão verdadeiro, mas ambigualmente construído, dados os constantes agradecimentos a Deus por seus atos providenciais.

O jogo de representação para si e para os outros feito por Colombo manteve-se em certos limites, mobilizado pelo próprio clima de tensão e pelos questionamentos relativos à distância da viagem. Após o dia 30 de setembro, as notas passaram a revelar, de fato, o estado de medo e de insatisfação entre os marinheiros, principalmente entre os dias 7 e 12 de outubro.

No dia 7, a caravela *Niña*, que seguia à frente das demais “levantou uma bandeira no topo do mastro, e deu um tiro de canhão em sinal de que avistavam terra”.³⁷ Soma-se à tensão existente um sinal de espera. Poderíamos perguntar se haviam avistado terra firme ou se, diante de tamanha ansiedade, a esperança fez com que a avistassem. As duas hipóteses permitem pensar que esses homens se orientavam pelos medos, e a possibilidade de avistar terra e, com isso, viver, mostrava-se como resolução do conflito iminente.

Entre os dias 7 e 9 de outubro, essa expectativa perdurou entre os marinheiros, e o silêncio sobre o percurso navegado no dia 8 pode

³⁶ Cf. *fingir* em COVARRUBIAS HOROZCO. *Tesoro de la lengua castellana, o española*. A edição por nós consultada foi a de 2006, uma versão fac-similada da edição de 1611.

³⁷ “levantó una bandera em el topo del mástil, y tiró una lombarda por señal que veían tierra” (COLÓN. *Diario de a bordo*, domingo, 7 de octubre, p. 86).

ser lido como um traço dessa sensação que a possibilidade de terras próximas provocava. Não se fazia mais qualquer menção à distância navegada e, contraditoriamente, o medo cotidiano levava esses homens ao desejo de não querer saber mais nada sobre a viagem que avançava em caminhos completamente inimagináveis. Assim, quando no dia 10 de outubro tudo parecia voltar à tensa normalidade, esses homens em estado de esgotamento nervoso, cansados de enfrentar o mar, terminaram por definitivamente se agitar. “Neste momento, a tripulação já não podia mais sofrer: queixava-se da distância da viagem”. Dava-se início ao maior motim dessa travessia, ao qual o Almirante, segundo as notas do diário de bordo, respondia com palavras de “boa esperança relacionadas aos proveitos que poderiam obter” ao chegarem às Índias. Por fim, afirmava que prosseguiriam “até encontrá-las com a ajuda de Nosso Senhor”.³⁸

Talvez venha desse clima acalmado o retorno à espera. No dia 11, quando novamente se supôs ver terra firme, a tensão tendeu a se amenizar. Podemos imaginar que a decisão mais prudente a ser assumida diante dessa situação grave fosse continuar o caminho adiante. Dificilmente poderíamos tomar esses levantes como resultados de simples desespero de uma tripulação tão qualificada. É importante que se leve em conta a exaustão das energias, depois de longo período de navegação por lugares impensáveis. Assim, o encontro de novas terras foi registrado concisamente: “com estes sinais respiraram e alegraram-se todos”.³⁹ Estavam salvos e a jornada havia alcançado o seu fim.

A grandeza do herói temeroso

Os registros da jornada conduzida por Colombo pelo Mar Oceano possibilitam uma reflexão sobre as molduras segundo as quais os homens se viam nesse momento, e sobre sua própria noção de humanidade, uma

³⁸ “Aquí la gente ya no podía sufrir: quejábbase del largo viaje. [...] buena esperanza de los provechos que podrían haber [...] hasta hallarlas com el ayuda de Nuestro Señor” (COLÓN. *Diario de a bordo*, miércoles, 10 de octubre, p. 88).

³⁹ “Con estas señales respiraron y alegrándose todos” (COLÓN. *Diario de a bordo*, jueves, 11 de octubre, p. 88). Ressaltamos ainda que somente após a certeza clara e definitiva de se estar junto à terra que “disseram a *Salve* que todos os marinheiros estavam habituados a dizer e cantar a sua maneira” (COLÓN. *Diario de a bordo*, jueves, 11 de octubre, p. 90: “dijeron la *Salve*, que la acostumbraban decir e cantar a su manera todos los marineros”).

vez que apresentam questões relativas aos medos, aos comportamentos e às compreensões de mundo do navegador e de sua tripulação. Se essa operação de leitura de Colombo não é transparente, isso advém, primeiramente, do próprio acesso que temos à escritura desse diário de bordo – lemos seu conteúdo por meio da cópia manuscrita feita por Bartolomé de Las Casas e posteriormente publicada em sua *Historia de las Índias*. Assim, o texto que conhecemos é de autoria de Colombo, mas também o resultado de uma produção intermediada.⁴⁰

Já o mundo visto por Colombo percebe-se de modo ainda mais complexo, uma vez que se inscreve nesse lugar intermediário entre o enunciado transcrito e o olhar de Colombo: em seu texto, tomamos contato com uma reflexão sobre a viagem que foi vivida por Colombo e transcrita por Las Casas. Em alguns momentos da leitura, essas mediações são bem evidentes. Em se tratando de um diário de bordo copiado *ipsis litteris*, por que haveriam as aspas, seguidas da observação “todas son palabras del Almirante”, no dia 11 de outubro? Seria uma referência de um registro oral? Mas por que Colombo teria dito de si na terceira pessoa do singular? Representava de novo o papel de herói?

Se essas questões da falta de transparência se impõem, isso advém justamente do que elas nos deixam ver desse homem. Para Jacob Burckhardt, a cultura do Renascimento na Itália tratou de moldar o aparecimento do indivíduo, o que permitiu um aperfeiçoamento do espírito que tanto criou uma ideia universal de humanidade quanto permitiu a afirmação de cada personalidade. Por essa ambiguidade, as ideias de descoberta do mundo e do homem alinharam-se como elementos fundamentais de uma nova forma de sociedade, produzida pela biografia e pelo confronto do homem com o mundo.⁴¹

A força dessa leitura de Burckhardt ancora-se em sua admiração pelos italianos, justamente pela paixão que manifestaram pelos antigos. Mas é pela simplicidade que essa abordagem falha, já que a antítese entre passado e presente, ou seja, entre antigos e modernos, era ainda

⁴⁰ A versão mais utilizada do diário é aquela constante no livro *História de las Índias*, também de Las Casas. Cf. COLÓN, Cristóbal. *Diário de a bordo*, p. 65, nota 1. Para saber mais sobre questões relacionadas à autenticidade dessa cópia, cf. MORENO DE ALBA. Observaciones lingüísticas al *Diário* de Colón, p. 51-55.

⁴¹ BURCKHARDT. *A cultura do Renascimento na Itália*, p. 111-135, 209-258 principalmente.

um dos elementos fundamentais para a identidade ocidental nos séculos XV e XVI.⁴² Assim, embora o argumento de Burckhardt permita-nos ver nesses homens a criação de uma imagem de si mesmos como artifício artístico – o que terminamos por pensar pelas noções de representação e fingimento –, a insistência em uma autonomia histórica dessa cultura em sua relação com o nascimento de um herói tão fortemente equipado de interioridade faz esquecer a fragilidade do homem renascentista.⁴³

A questão do *topos* do herói é por si bastante complexa, e nessa virada do Medieval para o Mundo Moderno alinhava-se ao sentido ficcional e ao caráter ético. Segundo Mikhail Bakhtin, na forma do romance, o herói se constitui como entidade autônoma e se move, por meio da projeção do autor, em um espaço próprio.⁴⁴ Entretanto, não podemos compreender esse *topos* sem uma análise arqueológica do próprio sujeito no Ocidente, dado que a forma ficcional não é a única que o constitui.⁴⁵ Diante desse quadro, a leitura de Colombo torna-se complexa: não se trata do universo ficcional, e o herói desse texto surge como registro de experiência. Os escritos de Colombo participam desse espaço entre a história e a ficcionalidade, que, segundo Michel de Certeau, compõe esses dispositivos que servem para o *eu* se dar a ver, como tentativa de falar de si e da realidade. Serve também ao historiador, que se apropria desse ausente como intérprete.⁴⁶

Por todos esses aspectos, não podemos fugir dessa questão, nem que seja para enunciá-la. Mesmo já tendo sido bastante criticado, o conhecimento vulgar mantém o esquema de Burckhardt que lida com o herói moderno e renascentista como um dos elementos do

⁴² Além de Hartog, já citado, destacamos ainda que a degeneração participa de várias crenças em relação ao valor positivo do passado e do presente. Neste sentido, cf. LE GOFF. *Em busca da Idade Média*, p. 60 *et seq.*

⁴³ FEBVRE. O homem do século XVI, p. 03-17.

⁴⁴ Sobre a questão do autor e do herói, cf. BAKHTIN. *Estética da criação verbal*, p. 23-220. Sobre como o herói romanesco deixa ver a cultura popular latina, principalmente a francesa, cf. BAKHTIN. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*.

⁴⁵ Sobre essa questão, cf. FOUCAULT. *L'herméneutique du sujet*, e mais recentemente Alain de Libera vem se dedicando a esse projeto desde sua nomeação para a cadeira de História da Filosofia Medieval no Collège de France, em 2012.

⁴⁶ Essa é uma questão central em Certeau, percorrendo basicamente seus escritos. De modo mais sistemático, cf. CERTEAU. *A escrita da história*; CERTEAU. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*.

antropocentrismo, em oposição a outra forma, dita, didaticamente, teocêntrica. No caso de Colombo, mesmo que esse ideal de um super-homem já há muito pareça cambalear, muito se afirma ainda sobre a grandiosidade do Renascimento e da ideia de um homem como produto artístico de si mesmo.

Em oposição a esse ponto de vista que ainda parece assombrar a crítica do período, a sutileza de uma humanidade frágil, cujo olhar se informava pelo maravilhoso, parece concorrer com esse ideal de homem heroico e autodirigido.⁴⁷ A leitura cuidadosa do diário de viagem de Colombo deixa-nos, então, ver um herói banal, pouco desenvolvido, um tanto amedrontado, e valendo-se de Deus para continuar seu caminho, como se apostasse em outra epifania que lhe deixasse a história mais pura e próxima do sagrado. Por um lado, esse é um dos elementos fundamentais desse diário de bordo e dessa complexa escritura de Colombo. Por outro, vemos nesse jogo de fingimento do próprio Colombo e também de sua tripulação uma ambiguidade desse momento histórico.

É diante desse quadro que a primeira travessia do Mar Oceano traz-nos chaves de compreensão da noção de humanidade desse momento, já que a viagem se fez a partir da complexidade das camadas de significado do medo e do temor. A ideia de temor deveria ser retomada aqui em seu sentido latino, *tīmeō*, como uma relação da crença e da inquietude com o respeito diante de Deus.⁴⁸ A sutileza é que essa leitura conduz a uma percepção de que os homens do renascimento viviam, enfim, segundo uma ideia de humanidade que não se alheava da participação da natureza divina. O elemento fundamental da relação judaico-cristã – “façamos o homem à Nossa imagem e semelhança” – fazia-se traduzir em uma profundidade de sentimentos ambíguos de medo e amparo, e ainda por uma relação de submissão, produzida por temor e respeito. Reafirmavam-se os laços com o passado e, na virada do século XV, a humanidade mostrava-se em sua fragilidade, elemento próprio da tradição cristã e que realça no homem tanto o pecado e a natureza perecível da carne quanto a condição de ter sido ele feito à imagem e semelhança do Criador. Não vemos aí muito mais que uma espécie de forma heroica que se ligava ainda a essa moldura cultural, muito embora ela seja marcada por essa frágil fortaleza.

⁴⁷ Todorov, em *A conquista da América*, e Greenblatt, em *Possessões maravilhosas*, são referências para pensar o olhar de Colombo em sua relação com o maravilhoso medieval.

⁴⁸ Cf. *tīmeō* em GAFFIOT. *Dictionnaire latin-français*.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORNHEIM, Gerd. A descoberta do homem e do mundo. In: NOVAES, Adauto. *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17-53.
- BRESC, Henri. Mar. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006. v. 2. p. 95-104.
- BROC, Numa. *La géographie de la Renaissance*. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1986.
- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*. Paris: Gallimard, 2002.
- CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. *La exploración del Atlántico*. Madrid: MAPFRE, 1991.
- COLÓN, Cristóbal. *Diario de a bordo*. Notas de Luis Arranz. Madrid: EDAF, 2006.
- COVARRUBIAS HOROZCO, Sebastián de. *Tesoro de la lengua castellana, o española*. Edição de Ignacio Arellano y Rafael Zafra. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2006. Versão fac-similada da 1. ed., de 1611.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOMINGUES, Francisco Contente. Arte e técnica nas navegações portuguesas: das primeiras viagens à armada de Cabral. In: NOVAES, Adauto. *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 209-227.

FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI^e siècle: la religion de Rabelais*. Paris: Albin Michel, 2003.

FEBVRE, Lucien. O homem do século XVI. *Revista de História*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3-17, 1950.

FOUCAULT, Michel. *L'herméneutique du sujet*. Paris: Gallimard, Le Seuil, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Modelo e imagem. O pensamento analógico medieval. *Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre (BUCEMA)*, Auxerre, n. 2, 2008. Hors-série. Disponível em: <<http://cem.revues.org/9152>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire latin-français*, Paris, Hachette, 1934.

GAUTIER-DALCHÉ, Patrick. Les représentations de l'espace en Occident de l'Antiquité tardive au XVI^e siècle. *Annuaire de l'École Pratique des Hautes Études (EPHE)*, Paris, a. 140, p. 103-115, 2009. Disponível em: <<http://ashp.revues.org/687>>. Acesso em: 10 set. 2013.

GAUTIER-DALCHÉ, Patrick. Représentations géographiques savantes, constructions et pratiques de l'espace. In: CONGRÈS DE LA SOCIÉTÉ DES HISTORIENS MÉDIÉVISTES DE L'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR PUBLIC, Paris, 2006. *Actes...* Paris: [s.n.], 2006. v. 37, n. 1: Construction de l'espace au Moyen Âge: pratiques et représentations, p. 14-38. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/shmes_1261-9078_2007_act_37_1_1910>. Acesso em: 25 out. 2014.

GAUTIER-DALCHÉ, Patrick. The reception of Ptolemy's *Geography* (end of the fourteenth to beginning of the sixteenth century). In: WOODWARD, David (Org.). *The history of cartography*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. v. 3: Cartography in the european Renaissance, p. 285-364.

GIUCCI, Guilherme. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: UnB, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAS CASAS. Bartolomé de. *Historia de las Índias*. Edição fac-similada. Disponível em: <<http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000042224&page=1>>. Acesso em: 10 set. 2013.

LAS CASAS. Bartolomé de. *Historia de las Índias*. Edição, prólogo, notas e cronologia de André Saint-Lu. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1986. 2 v.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. In: _____. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2010. p. 173-206.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LE GOFF, Jacques. O deserto-floresta no Ocidente medieval. In: _____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 35-51.

LESTRINGANT, Frank. *L'atelier du cosmographe ou l'image du monde à la Renaissance*. Paris: Albin Michel, 1991.

LOIS, Carla. Cartografias de un Mundo Nuevo. *Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, n. 6, 2004. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/363>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

MORENO DE ALBA, José G. Observaciones lingüísticas al *Diário* de Colón. *Revista de la Universidad Nacional Autónoma de México*, México, DF, n. 499, p. 51-55, ago. 1992.

RIVERA NOVO, Belén; MARTÍN-MERÁS, Luisa. *Cuatro siglos de cartografía en América*. Madrid: MAPFRE, 1992.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

